

O construtor de pontes

O construtor de pontes

Markus Zusak

Tradução de Stephanie Fernandes e Thaís Paiva



Copyright © 2018 by Markus Zusak

Trecho da página 129 retirado do filme *Mad Max*, de 1979.

Trecho da página 356 retirado do filme *Gallipoli*, de 1981.

Trecho da página 356 retirado do filme *Carruagens de Fogo (Chariots of Fire)*, de 1981.

TÍTULO ORIGINAL

Bridge of Clay

REVISÃO

Ângelo Lessa

Giu Alonso

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

Juliana Werneck

Luisa Suassuna

Mariana Bard

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z92c

Zusak, Markus, 1975-

O construtor de pontes / Markus Zusak ; tradução Stephanie Fernandes, Thais

Paiva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

528 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Bridge of clay

ISBN 978-85-510-0398-5

ISBN 978-85-510-0405-0 [ci]

1. Ficção australiana. I. Fernandes, Stephanie. II. Paiva, Thais. III. Título.

CDD: 828.99343

CDU: 82-3(94)

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Scout, Kid e Little Small.
Para Cate, e em memória de nossa
querida K.E.: uma grande apaixonada
pela *linguagem*.

antes do início
a velha tec-tec

NO INÍCIO HAVIA UM ASSASSINO, UMA MULA E UM MENINO, MAS ESTE NÃO É exatamente o início, é antes disso, sou eu, Matthew, e aqui estou, na cozinha, no meio da noite — a boa e velha foz de luz —, com os golpes, o tec-tec-tec. O restante da casa está em silêncio.

Só sei que, no momento, todos dormem.

Estou à mesa da cozinha.

Só eu e a máquina de escrever — eu e a velha Tec-tec, que era como, de acordo com nosso saudoso pai, nossa saudosa avó a chamava, mas essas esquisitices nunca foram muito o meu negócio. Sou mais conhecido pelos hematomas e pela responsabilidade, porte alto e músculos e blasfêmias, e por uma dose de sentimentalismo. Se você for como a maioria das pessoas, talvez duvide que eu consiga formular uma frase completa, e mais ainda que eu conheça algo sobre os épicos, ou os gregos. Às vezes é bom ser subestimado dessa forma, mas é muito melhor quando alguém reconhece.

No meu caso, dei sorte:

Porque tive Cláudia Kirkby.

Tive também um menino, um filho, um irmão.

Aliás, no nosso caso foi assim desde o começo: tivemos um irmão, e foi ele — de nós cinco — quem carregou tudo nas costas. Como de costume, me contou tudo baixinho, decidido, e é claro que não errou nem uma vírgula.

Havia *mesmo* uma velha máquina de escrever enterrada no velho quintal de uma velha cidade de fundo de quintal, mas eu tive que prestar muita atenção às distâncias, para não correr o risco de desenterrar um cachorro morto ou uma cobra (o que acabei fazendo de qualquer forma). Mas aí concluí que,

se o cachorro estava lá e a cobra também, a máquina de escrever não poderia estar longe.

Um tesouro perfeito e sem piratas.

No dia seguinte ao meu casamento, peguei a estrada.

Saí da cidade.

Ganhei a noite.

Cruzei as cordilheiras de espaço vazio, e um pouco além.

A cidade era um reino de fantasia árido e distante, um imenso campo de palha com maratonas de céu aberto, cercada por eucaliptos e por uma vegetação rasteira selvagem. E não é que era verdade? Vi com meus próprios olhos: as pessoas ali viviam cabisbaixas, encurvadas. Cansadas deste mundo.

Foi em frente ao banco, perto de um dos vários pubs da região, que uma mulher me indicou o caminho. Era a moça mais empertigada da cidade.

— Pega a esquerda na rua Turnstile, está bem? Depois segue reto por uns duzentos metros, e aí esquerda de novo.

De cabelo castanho e bem-vestida, a mulher usava calça jeans e botas, camisa vermelha, e fechava um dos olhos por conta do sol. A única coisa que a entregava era o triângulo invertido de pele à mostra, logo abaixo do pescoço: cansada e velha e cheia de vincos em zigue-zague, como a alça de um baú de couro.

— Entendeu?

— Entendi.

— Que número você está procurando?

— Vinte e três.

— Ah, então você está atrás dos Merchison, certo?

— Humm, mais ou menos.

A mulher se aproximou, e eu observei aqueles dentes dela, brancos e brilhantes e, ainda assim, amarelados; muito parecidos com o sol soberbo. Quando ela chegou ainda mais perto, estendi a mão, e lá ficamos eu e ela e os dentes dela e a cidade dela.

— Meu nome é Matthew — falei, e a mulher, ela era Dafne.

Então ela se virou e largou para trás o caixa eletrônico. Chegou a abandonar o cartão do banco para ficar ali, com a mão na cintura. Eu já estava com metade do corpo no banco do motorista quando Dafne assentiu, compre-

dendo. Praticamente tudo se encaixou para ela; foi como alguém lendo uma notícia no jornal.

— Matthew Dunbar.

Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Lá estava eu, a doze horas de casa, numa cidade em que nunca tinha posto os pés em todos os meus trinta e um anos de vida, e, de alguma forma, parecia que todos estavam à minha espera.

Ficamos um bom tempo nos entreolhando, no mínimo alguns segundos, e tudo foi escancarado, exposto. Surgiram pessoas vagando pelas ruas.

— O que mais você sabe? — perguntei. — Sabe que estou aqui para pegar a máquina de escrever?

Ela abriu o olho.

Enfrentou o sol de meio-dia.

— Máquina de escrever? — Eu tinha deixado a mulher totalmente perdida. — Que máquina de escrever?

Bem na hora, um senhor começou a gritar, perguntando se ela era a dona da merda do cartão que estava empatando a merda da fila da merda do caixa eletrônico, e ela correu para pegar suas coisas. Talvez eu pudesse ter explicado — dito que havia uma velha máquina de escrever nessa história toda, do tempo em que ainda se usavam máquinas de escrever em consultórios médicos, as secretárias lá, batendo nas teclas. Se ela estava interessada ou não, aí já não sei. Só sei que as instruções que me deu foram certeiras.

Rua Miller.

Uma tranquila linha de montagem de casinhas elegantes assando ao sol. Estacionei, bati a porta do carro e atravessei o gramado ressecado.

Foi bem nesse instante que me arrependi de não ter levado a garota com quem havia acabado de me casar — ou melhor, a mulher com quem havia acabado de me casar, mãe das minhas duas filhas — e, é claro, minhas filhas também. As meninas teriam adorado aquele lugar, teriam saído saltitando, dançando, com as pernas longas e o cabelo reluzindo ao sol. Teriam dado estrelas no gramado, gritando: “Não olha para a nossa calcinha, hein?”

Uma lua de mel e tanto:

Cláudia trabalhando.

As meninas na escola.

É claro que parte de mim ainda gostava daquilo; muito de mim ainda gostava muito.

Respirei fundo, soltei o ar e bati à porta.

Lá dentro, a casa era um forno.

A mobília estava queimada.

As fotos, torradas.

Tinha um ar-condicionado. Quebrado.

Serviram chá e biscoitos, enquanto o sol estapeava a janela. À mesa, o que não faltava era suor. Pingava do braço para a toalha.

Quanto aos Merchison, o que tinham de honestos tinham de peludos.

O casal era um homem de regata azul e costeletas grandes e fartas, feito dois cutelos nas bochechas, e uma mulher chamada Raelene. Ela usava brincos de pérola, tinha cachos pequeninos e não largava sua bolsinha. Passou o tempo todo fazendo que ia ao mercado, mas foi ficando. No instante em que mencionei o quintal e que poderia haver algo enterrado lá, aí que não saiu mesmo. Quando terminamos o chá e deixamos apenas as migalhas dos biscoitos, encarei as costeletas. O homem falou comigo com franqueza e cortesia:

— Então, mãos à obra.

Do lado de fora, no longo quintal infértil, fui em direção a um varal e a uma árvore de banksias maltratada e sem viço. Olhei para trás por um instante: a casa pequena, as telhas de zinco. O sol ainda banhava o telhado, mas já recuava, inclinando-se para oeste. Cavei com a pá e as mãos, e lá estava.

— Droga!

A cachorra.

Outra vez.

— Droga!

A cobra.

Ambos reduzidos a ossos.

Limpamos os dois com cuidado.

Colocamos no gramado.

— Minha nossa!

O homem repetiu isso três vezes, a exclamação mais alta quando finalmente encontrei a velha Remington cinza-chumbo. Como se fosse uma arma enterrada, estava enrolada em três camadas de plástico grosso mas tão transparente que revelava as teclas: primeiro o Q e o W, depois toda a seção intermediária com o F e o G, o H e o J.

Passei algum tempo olhando para ela, só olhando:

Aquelas teclas pretas, como dentes de um monstro, dentes de um monstro bonzinho.

Por fim, eu me estiquei e a tirei de lá com cuidado, as mãos imundas. Tapei os três buracos no quintal. Tiramos o plástico e nos agachamos para observá-la com atenção.

— Uma relíquia e tanto — disse o sr. Merchison, fazendo os cutelos peludos tremelicarem.

— É, sim — concordei; era mesmo sublime.

— Quando acordei hoje de manhã, como eu ia imaginar que algo assim fosse acontecer?

Ele pegou a Remington e a entregou para mim.

— Quer ficar para o jantar, Matthew?

Foi a senhora quem perguntou, meio surpresa, mas a surpresa não ofuscou o jantar.

Sem ter me levantado ainda, ergui os olhos.

— Obrigado, sra. Merchison, mas continuo com a barriga cheia de tanto biscoito. — Olhei a casa mais uma vez; já estava encoberta pelas sombras. — Na verdade, é melhor eu ir andando. — Apertei a mão de ambos, dizendo: — Não tenho palavras para agradecer.

Comecei a me afastar com a máquina de escrever aninhada nos braços.

O sr. Merchison não ficou nada satisfeito e não fez questão de esconder:

— Ei!

E o que mais eu poderia fazer?

Não dá para sair desenterrando dois animais sem apresentar uma boa explicação, então dei meia-volta e, já embaixo do varal — um Hills Hoist velho de guerra, igualzinho ao nosso —, fiquei esperando para ouvir o que ele diria.

— Não está se esquecendo de nada, não, camarada?

Então indicou os ossos do cachorro e da cobra.

* * *

E foi assim que peguei a estrada de novo.

No banco de trás da velha perua havia os restos mortais de um cachorro, uma máquina de escrever e o esqueleto fino de uma cobra mulga.

Parei o carro mais ou menos na metade do caminho. Eu até conhecia um lugar onde encontraria uma cama para descansar de verdade, mas preferi não sair da rota. Eu me deitei no carro mesmo, com a cobra bem no meu cangote. Antes de cair no sono, fiquei pensando em como há momentos antes do início por toda parte — porque antes, e antes de tantas coisas, havia um menino naquela cidade de fundo de quintal que se ajoelhou no chão quando a cobra matou aquele cachorro e o cachorro matou aquela cobra... Mas isso tudo ainda está por vir.

Por ora, basta saber isto:

Cheguei em casa no dia seguinte.

Voltei para a cidade, para a rua Archer, onde se deu, aí sim, o início de tudo, e onde a coisa se desenrolou de várias maneiras. A discussão sobre o que havia passado pela minha cabeça quando decidi trazer a cobra e o cachorro já tinha morrido fazia algumas horas, quem tinha que ir foi e quem tinha que ficar ficou. Chegar discutindo com Rory por causa da minha carga no banco de trás do carro é que foi a cereja do bolo. Logo com Rory. Mais do que qualquer um, ele sabe bem quem, por que e o que nós somos:

Uma família destrocada pela tragédia.

Uma história em quadrinhos explosiva sobre meninos e sangue e bichos.

Nós nascemos para colecionar recordações assim.

No meio do bate-boca acalorado, Henry sorriu, Tommy gargalhou e ambos disseram: “Como sempre.” O quarto de nós estava dormindo e assim ficou durante todo o tempo em que eu estive fora.

Quanto às minhas filhas, assim que chegaram, as duas ficaram impressionadas com os ossos e perguntaram:

— Por que você trouxe isso pra casa, papai?

Porque o papai é um idiota.

Flagrei Rory pensando exatamente isso, mas ele nunca diria algo assim na frente das meninas.

Quanto a Cláudia Dunbar — que antes se chamava Cláudia Kirkby —, ela só balançou a cabeça e me deu a mão. Estava feliz, tão feliz que eu quase desabei outra vez. Tenho certeza de que foi porque eu estava contente.

Contente.

Contente é uma palavra que parece meio estúpida, mas estou aqui escrevendo e contando isso tudo para você pura e simplesmente porque é assim que nós somos. Estou ainda mais contente porque amo esta cozinha neste momento, e toda a sua grandiosa e terrível história. Tenho que fazer isso aqui. Nada mais apropriado do que fazer isso aqui. Fico contente ao ouvir minhas anotações sendo fincadas na página.

Bem diante de mim está a velha Tec-tec.

Embaixo dela, o tampo da mesa de madeira todo arranhado.

Um saleiro e um pimenteiro descombinados, na companhia de teimosos farelos de torrada. A luz do corredor é amarela, a luz da cozinha é branca. Estou aqui sentado, pensando, escrevendo. O velho tec-tec-tec das teclas. Escrever é sempre difícil, mas fica mais fácil quando se tem algo a dizer:

Quero lhe contar sobre o nosso irmão.

O quarto garoto Dunbar, chamado Clay.

Tudo aconteceu com ele.

Todos nós mudamos por causa dele.